



Estudos Teológicos foi licenciado com uma Licença Creative Commons –
Atribuição – NãoComercial – SemDerivados 3.0 Não Adaptada

<http://dx.doi.org/10.22351/et.v6i1i1.3996>

UMA ABORDAGEM COMUNICACIONAL DO CICLO DO MARABAIXO EM MACAPÁ: A FOLKCOMUNICAÇÃO NA FESTA RELIGIOSA EM HOMENAGEM À SANTÍSSIMA TRINDADE E AO DIVINO ESPÍRITO SANTO¹

*Communicational approach to the Marabaixo Cycle in Macapá:
folkcommunication at the religious festival in honor of the Holy Trinity
and the Divine Holy Spirit*

Antonio Sardinha²
Daniel Cordeiro³

Resumo: Neste artigo, procuramos observar a tradicional festa do Marabaixo em uma dimensão comunicacional, acionando elementos da teoria da folkcomunicação. Por meio de pesquisa de campo em um barracão tradicional que produz a festividade, no conhecido Bairro do Laguinho, em Macapá (Amapá), procuramos identificar os elementos que, no Marabaixo, expressam a relação que práticas de comunicação estabelecem na constituição dos ritos e processos característicos da festa. Consideramos que os elementos da folkcomunicação identificados produzem o que entendemos ser uma dimensão simbólica potente com papel central na transmissão de informação e conhecimento em torno da memória que ressignifica a tradição do Marabaixo.

Palavras-chave: Folkcomunicação. Marabaixo. Processo comunicacional.

Abstract: In this article, we aim to discuss the traditional festival of Marabaixo from a communicational perspective, triggering elements from the Folkcommunication theory. We conducted a field research in one of the traditional sheds where the festivity takes place, in the popular neighborhood known as Laguinho, in the city of Amapá, in the Brazilian state of Macapá. We sought to identify the Marabaixo elements that depict the relationship which communication practices build in the configuration of rites and processes typical of this festival. We consider that the Folkcommunication elements disclosed produce what we acknowledge to be a strong symbolic dimension that mainly disseminates information and brings awareness to the memory that ressignifies the Marabaixo tradition.

Keywords: Folkcommunication. Marabaixo. Communicational process.

¹ O artigo foi recebido em 12 de maio de 2020 e aprovado em 08 de junho de 2020 com base nas avaliações dos pareceristas *ad hoc*.

² Doutor em Comunicação. Integrante do grupo de pesquisa Estudos Interdisciplinares em Cultura e Políticas Públicas. E-mail: sardinhajor@yahoo.com.br

³ Jornalista. Integrante do grupo de pesquisa Estudos Interdisciplinares em Cultura e Políticas Públicas. E-mail: jor.danielcordeiro@gmail.com

Introdução

A observação de processos e práticas comunicacionais que estruturam as manifestações culturais, bem como os elementos e estratégias de comunicação que contribuem para a troca de informação e compartilhamento do conhecimento no contexto da cultura popular, foram preocupações da teoria da folkcomunicação, apresentada por Luiz Beltrão⁴.

Consideramos a perspectiva teórica construída pelo pesquisador brasileiro para observar para além da comunicação midiaticizada os processos comunicacionais que dão forma para a constituição e (re)produção simbólica em manifestações da cultura popular. Para essa observação, tomamos como referência o Ciclo do Marabaixo, festa religiosa tradicional que ocorre em Macapá (Amapá) em homenagem à Santíssima Trindade e ao Divino Espírito Santo.

Partindo do pressuposto de que a comunicação, entendida como prática e processo constituídos para além de um dispositivo sociotécnico, formata uma rede de troca de informações e conhecimento sob contextos informais em uma dada prática cultural, o que estamos propondo é entender como opera essa rede comunicativa no circuito da festa do Marabaixo. Ou seja, quais são e como operam os processos de comunicação a partir dos conceitos de centros de informação, dos agentes comunicadores, dos meios transmissores e das audiências, como defino por Beltrão.⁵

A festividade tradicional do Ciclo do Marabaixo de 2019 foi realizada em Macapá (AP) dentro do período da páscoa cristã, por famílias descendentes dos povos africanos que chegaram ao estado no início da sua fundação histórica. Anualmente a programação festiva é organizada por quatro barracões: Berço do Marabaixo (Bairro Santa Rita), Dica Congó (Bairro Central), Raimundo Ladislau (Bairro Laguinho) e Pavão (Bairro Jesus de Nazaré).

O festejo lúdico/religioso é realizado em homenagem à Santíssima Trindade e ao Divino Espírito Santo com fundamentos das matrizes portuguesa e africana. No bairro do Laguinho, área central da capital do Amapá (Macapá), definimos para a nossa análise a casa da família do marabaixeiro Julião Ramos, considerado como um dos precursores da tradição.

Desde modo, ao vislumbrar a importância da manifestação cultural para as pessoas envolvidas e também para a coletividade, decidimos proceder tal estudo no intuito de compreender como, por meio de comportamentos individuais e coletivos, as dinâmicas de comunicação ocorrem nesse cenário.

No tocante à metodologia, partimos para a observação em campo da festividade, complementando a análise com entrevistas semiestruturadas com os líderes do festejo popular no barracão da Tia Biló, um espaço de organização da festa tradicional do bairro do Laguinho, em Macapá.

⁴ BELTRÃO, Luiz. *Folkcomunicação: a comunicação dos marginalizados*. São Paulo: Cortez, 1980. BELTRÃO, Luiz. *Folkcomunicação: um estudo dos agentes e dos meios populares de informação de fatos e expressão de ideias*. Porto Alegre: Edipucrs. Versão eletrônica, 2014.

⁵ BELTRÃO, 2014.

Para efeito de contextualização, é importante destacar que, no Amapá, o Marabaixo está relacionado com a devoção ao Divino Espírito Santo e, de acordo com Machado (2014)⁶, a crença iniciou no distrito de Mazagão Velho, dentro do município de Mazagão, no Amapá. Segundo a autora, essa localidade é conhecida por receber população açoriana, além de africanos do Marrocos (em meados de 1976). A pesquisadora destaca que a festa, originariamente portuguesa, foi mantida pelos povos africanos dentro da Vila de Mazagão.

O Marabaixo produzido pelos negros do Amapá foi ligado às festas cristãs em algum momento da história. Denominado como o Ciclo do Marabaixo no Amapá, a festividade acontece em paralelo ao calendário pascal da igreja católica. Essa relação com as tradições da igreja católica acontece com características voltadas à páscoa, mas de forma diferente, pois não se torna um momento apenas de penitência, e sim de louvação ao Espírito Santo, tido como santo.

A festividade mistura, por exemplo, elementos do catolicismo, como novenas, missas e homenagem a santos, com dança e uso de tambores que são característicos da cultura negra.

Nesse caso, os autores Custódio, Videira e Bezerra⁷ expressam o significativo papel dos santos católicos, homens que se tornaram almas elevadas, na intermediação da fé popular na Amazônia.

A devoção e culto aos santos configuram-se como elementos expressivos do catolicismo popular, ou seja, aquele advindo do povo e suas tradições, desprovido do controle sistemático e dogmático da instituição oficial. As práticas religiosas do catolicismo popular são expressões da fé do povo mais simples, que por muitas vezes não é bem aceita pelas autoridades eclesiais.⁸

Videira⁹ relaciona o bairro do Laguinho, localizado no centro de Macapá, como o local de maior concentração da tradição negra da capital. Sendo considerado pela autora “território afro-amapaense”.

Pensar em Marabaixo é rememorar homens e mulheres negros que, dançando, transmitem para a posteridade seu legado histórico-sociológico relevante, para marcar o lugar de pertença étnica e política entre seus herdeiros no diálogo com a sociedade. Sentir o Marabaixo é colocar-se diante das pessoas com a certeza de ser de dentro, como raízes das comunidades afro-amapaenses, localizadas na área urbana e rural do Amapá.¹⁰

⁶ MACHADO, Sândala Cristina. A festa do Divino, nos dois lados do Atlântico. *Revista Tempo Amazônico*, v. 1, n. 2, p. 34-49, jan./jun. 2014.

⁷ CUSTÓDIO, Elivaldo; VIDEIRA, Piedade; BEZERRA, Jesus. As práticas religiosas afro-indígenas na Amazônia. *Revista Caminhos*, Goiânia, v. 17, n. 1, p. 80-95, jan./jul. 2019.

⁸ CUSTÓDIO; VIDEIRA; BEZERRA, 2019, p. 85.

⁹ VIDEIRA, Piedade Lino. O marabaixo do Amapá: encontro de saberes, histórias e memórias afro-amapaenses. *Revista Palmares: cultura afro-brasileira*, Brasília, ano X, n. 08, nov. 2014.

¹⁰ VIDEIRA, 2014, p. 17.

A dança que marca a festividade carrega, de acordo com Videira¹¹, elementos africanos e afrodescendentes, potentes em simbolizar uma memória que é passada de uma geração a outra.

Sua organização [do Marabaixo] dá-se pela união entre dança, fê, bebidas, folias e ladinhas, missas, fogos, cortejos, dramatizações e promessas. Ademais, seus partícipes não podem descumprir seu calendário e alterar sua constituição sob pena de serem castigados pela Santíssima Trindade e Divino Espírito Santo, ambos reverenciados por essa tradição no Amapá.¹²

Beltrão¹³ é outro autor que pontua as especificidades da Festa do Divino no contexto da cultura religiosa brasileira.

É como se todos esperassem realmente uma nova era, irmanando-se, confraternizando, comendo e bebendo à farta, pois aquela “é a festa do consumo [...] da alegria, do agradecimento, do pagamento de promessas. Os elementos dominantes são os alimentares. O Brasil é um país de população pobre e subalimentada, por isso, a grande, a boa festa precisa ter o que comer [...] A festa do Divino desperta também coesão social, a cooperação. Há um tipo de promessa que tem caráter diferente dos demais, ela é paga com o trabalho, a ajuda nos muitos afazeres da Casa-de-Festa: cozinhar, carregar água, etc. [...] É uma festa em que não domina a esperança, mas sim o agradecimento”, na qual, conforme Maynard Araújo, o trabalhador quebra o seu jejum anual de carne de vaca. “Comem a tripa forra [...] por isso, o boi do Divino empanturra”.¹⁴

Beltrão¹⁵ também pontua que a festividade assume certo afastamento da igreja católica pelo protagonismo dos praticantes em assumir a dianteira na produção da festa. Em Macapá, especificamente, Antero¹⁶ afirma que não é possível precisar quando a festa do Divino se transforma em Marabaixo, incorporando elementos da cultura africana. Mas, mesmo assim, Antero¹⁷ aponta a visão de Pereira¹⁸ para tentar explicar esse fato. Baseado nesse último autor, o entendimento é de que os religiosos católicos incorporaram traços da cultura negra, que acabaram se sobressaindo posteriormente no contexto da ritualidade católica.

Mesmo com as perseguições, a cultura do Marabaixo manteve-se dentro do ciclo popular, pois tem traços do que Beltrão¹⁹ define como “processo de comunicação e entrosamento”, que mesmo questionado pelas elites (no caso, religiosas), manteve-se pela relação cultural orgânica com os grupos praticantes.

¹¹ VIDEIRA, 2014, p. 17.

¹² VIDEIRA, 2014, p. 18.

¹³ BELTRÃO, 1980, p. 66.

¹⁴ BELTRÃO, 1980, p. 73.

¹⁵ BELTRÃO, 1980, p. 80.

¹⁶ ANTERO, Alysson Brabo. Religiosidades do Amapá: entre o catolicismo e as religiões afro-brasileiras. *Revista Terceira Margem Amazônia*, Belém, v. 2, n. 6, p. 87-98, 2017.

¹⁷ ANTERO, 2017, p. 94.

¹⁸ PEREIRA, Nunes. *Shairé e Marabaixo*. Tradição da Amazônia. Recife: Fundaj; Massagana, 1951.

¹⁹ BELTRÃO, 1980, p. 23.

Nos relatos históricos sobre o Ciclo, e até os dias atuais, sabe-se que a Igreja alterna momentos de tolerância, aceitação e embate com o Marabaixo. À época em que Pancrácio Júnior escreveu seu artigo, final do século XIX, já se percebia de parte das autoridades eclesásticas católicas uma rejeição aos rumos que o festejo tomava.²⁰

Machado²¹ relata diversas formas de agressão vividas pelos praticantes do Marabaixo em comemoração ao Divino, principalmente por parte da igreja católica. Um dos representantes de resistência mencionados pelo autor é Julião Thomaz Ramos, negro, membro da Irmandade do Sagrado Coração de Jesus.

Mesmo com a proibição das festas de Marabaixo, Julião Thomaz Ramos continuou a realizar dentro de sua casa, sendo assim expulso do grupo católico. Deste modo, observamos que as famílias tradicionais negras no Amapá ainda mantêm essa estrutura mesmo no contexto atual. Dentro das casas localizadas no centro da capital e áreas interioranas, os barracões são ainda os locais onde se realizam as festas e os cultos religiosos, muito ligados com a questão familiar e a fé aos santos católicos.

Com o apoio institucional do governo do Estado, essas manifestações cresceram como identidade do povo do Amapá. Assim foram formados os grupos folclóricos que propagam a “identidade do Amapá” para receber turistas, em cerimônias oficiais e demais eventos públicos. Anteriormente, a tradição era mantida somente pelas famílias afrodescendentes, sem nenhum apoio e muitas vezes desprezadas pela maioria da população.

Tal a força do movimento negro, que, em 29 de novembro de 2010, o governo do Estado sancionou a Lei Estadual nº. 1.521, instituindo o dia 16 de junho como o Dia Estadual do Marabaixo Amapaense, e o Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (Iphan), em 2018, concedeu ao Marabaixo o título de patrimônio cultural brasileiro.

O Marabaixo no Laguinho e a formação do barracão da Tia Biló

Beltrão²², ao observar os processos de comunicação no contexto da cultura popular, destaca o papel dos líderes de opinião no processo de mediação que envolve a troca de informações e conhecimentos junto aos participantes de uma festa popular. De acordo com o autor, são esses indivíduos que geralmente cumprem a missão de tradutores dos acontecimentos sociais para os seus grupos de origem.

Enquanto no sistema de comunicação social é muito frequente a coincidência entre os líderes de opinião e as autoridades políticas, científicas, artísticas ou econômicas, na folkcomunicação há maior elasticidade em sua identificação: os líderes agentes-comunicadores de folk, aparentemente, nem sempre são “autoridades” reconhecidas, mas possuem uma espécie de carisma, atraindo ouvintes, leitores, admiradores e seguidores

²⁰ ANTERO, 2017, p. 94.

²¹ MACHADO, 2014, p. 46.

²² BELTRÃO, 1980, p. 35.

e, em geral, alcançando a posição de conselheiros ou orientadores da audiência sem uma consciência integral do papel que desempenham.²³

Beltrão²⁴ completa afirmando que os agentes comunicadores da folkcomunicação têm como característica a credibilidade por ser a figura legítima de mediação dos processos comunicacionais que se instauram, sustentando os ritos e ritmos que permeiam a festividade. Nesse sentido, percebemos que quanto maiores a identificação e a representatividade do líder, mais significativo ele se torna para seus pares.

Daniela Ramos, neta de Benedita Guilhermina Ramos (Tia Biló), hoje com 94 anos e única filha viva de Julião Ramos e Januária Simplicia Ramos, é uma das principais cantadeiras de Marabaixo do bairro do Laguinho, seguindo a herança familiar. Como uma das atuais lideranças do grupo, cumpre o papel de transferir os ensinamentos repassados por seus avós da origem do Marabaixo no estado.



Fotografia 1 – Tia Biló (2019). Fonte: Mariléia Maciel

²³ BELTRÃO, 1980, p. 35.

²⁴ BELTRÃO, 1980, p. 35.

Nesse processo de transmissão do legado da família e concomitantemente do festejo, os filhos e netos atualmente cumprem a missão de comunicadores da folk como definido por Beltrão²⁵. Essas pessoas mantêm o prestígio dentro da comunidade e fortalecem a base das crenças e costumes tradicionais que unem os praticantes.

Dessa forma, mesmo com a ausência de um acervo histórico que reconte minuciosamente a vinda da manifestação do Marabaixo para o Amapá, Ramos²⁶ aponta para a chegada dos navios negreiros na Vila de Mazagão e que de lá se deslocou para Macapá junto com os negros.

Foi dentro de Macapá que o marabaixo se expandiu e ganhou força. Através do trabalho de valorização, difusão e manutenção do mestre Julião Ramos e com muitas outras pessoas que o acompanhavam como, por exemplo, dona Gertrudes Saturnino Loureiro, do bairro da Favela. Antes todos moravam na frente da cidade de Macapá, hoje onde fica localizada a Praça Zagury.²⁷

De acordo com Ramos²⁸, o Marabaixo sempre esteve atrelado às homenagens aos santos católicos, mas nunca souberam definir o momento de interação com o catolicismo. A entrevistada considera que no Amapá não houve escravidão e que nessas terras os negros não foram obrigados como em outros locais a praticar a religião católica. Nesse sentido, os praticantes definem a palavra Marabaixo com os movimentos dos navios “mar a baixo” e também pelos negros que morriam no percurso e eram jogados “mar a baixo”.

Com a consolidação da festividade em homenagens a Santíssima Trindade e ao Divino Espírito Santo a partir do grupo popular, criou-se um planejamento do festejo ganhando a nomenclatura de Ciclo do Marabaixo. Na favela, a homenagem passou a ser feita à Santíssima Trindade dos inocentes e no bairro do Laguinho a família de Julião Ramos realiza festas para os dois santos.

De acordo com Silva²⁹, neto de Julião Ramos e atual presidente da Associação Cultural Raimundo Ladislau, o mestre marabaixeiro e seus irmãos Bruno e Filipa eram influentes na comunidade, sendo responsáveis por manter o altar das coroas dos santos, que até hoje estão presentes dentro da casa da família.

Dessa forma, a festividade acontecia dentro da residência. Eram retirados os móveis da sala para que naquele espaço e período as cerimônias ocorressem, mas sempre permanecendo aberto para as pessoas que desejassem participar. Segundo Ramos³⁰, existia um grande preconceito com a manifestação e, por esse motivo, muitos criaram o entendimento que aquela festa era unicamente da família de negros.

²⁵ BELTRÃO, 1980, p. 36.

²⁶ Informação fornecida por Danniela Ramos em entrevista concedida a Daniel Cordeiro Alves, em Macapá, em agosto de 2019.

²⁷ RAMOS, 2019.

²⁸ RAMOS, 2019.

²⁹ Informação fornecida por Joaquim Silva em entrevista concedida a Daniel Cordeiro Alves, em Macapá, em julho de 2019.

³⁰ RAMOS, 2019.

As pessoas achavam que o marabaixo era somente de família e de pessoas negras, mas não era, só que a maioria que participava era os familiares, amigos mais próximos e pessoas negras. Hoje a divulgação é ampliada e a sociedade já compreendeu que o Ciclo do Marabaixo pertence à história do Estado do Amapá.³¹

Devido ao aumento do número de participantes foi preciso que a festa saísse de dentro das casas, sendo que no período festivo o governo passou a construir estruturas temporárias para que recebessem mais pessoas. Com o tempo, a própria família decidiu construir um espaço em frente à residência, assim foi feito o barracão da Tia Biló, “a casa do festeiro”, localizado na Rua Eliezer Levy, 632, bairro Laguinho, ponto físico das celebrações marabaixeiras.



Fotografia 2 – Barracão da Tia Biló (Casa do Festeiro, 2019). Fonte: Daniel Alves

Após o falecimento de Julião Ramos, os filhos e netos ficaram responsáveis em dar prosseguimento à festividade, que no primeiro momento enfrentou dificuldades, chegando a correr o risco de deixar de existir. Dessa forma, no dia 07 de agosto de 1988, foi fundada a Associação Folclórica Raimundo Ladislau na casa da família Ramos. A entidade configura como a primeira instituição marabaixeira de Macapá e tem como objetivo trabalhar na disseminação da cultura do Marabaixo.

³¹ RAMOS, 2019.



Fotografia 3 – Cartaz da festa do barracão da Tia Biló (2019)

O homenageado, Raimundo Ladislau, era considerado um dos melhores compositores de ladrões da cidade. Amigo de Julião Ramos, compôs diversos versos que foram cantados e tocados pelo mestre nas rodas de Marabaixo, ajudando na disseminação das suas letras. É importante destacar que, dentro do Ciclo do Marabaixo, há um elemento-chave para falarmos de práticas comunicacionais no contexto da festividade, que é a figura dos denominados “ladrões”. No período de formação do estado do Amapá, foram os versos cantados nas festas religiosas ao som de tambores os principais instrumentos comunicativos dos homens e mulheres negros que naquele momento não compartilhavam de prestígio social devido à sua origem étnica.

Os ladrões ganharam essa nomenclatura porque capturavam (roubavam) os fatos do cotidiano da comunidade para depois serem expostos dentro da roda do Marabaixo. Desde uma conversa entre vizinhos até um fato marcante para o grupo, todas essas histórias ganhavam novamente vida pelos versos dos cantadores tradicionais que propagavam no seu cantar esses momentos da convivência mútua.

Desse modo, percebemos dentro dos versos dos ladrões de Marabaixo questões que relacionam um indivíduo, grupo, família ou sociedade. São relatos de vivências. Nas rodas de Marabaixo, há a evidência de um cantador principal, o “tirador de Marabaixo”, que dá a guia na rotação da festa a partir da sua sequência cantada. Ele mantém o ritmo da festa e dos outros cantadores, que repetem os refrãos para fixação da mensagem.

Em cada comunidade marabaixeira há diferentes formas de cantar, tocar e dançar o Marabaixo, afirma Ramos³². Essa diversidade é atribuída pela entrevistada à chegada ao Amapá de diversas etnias africanas, tendo cada uma sua forma diferente de transmitir a manifestação. Também podemos observar que, com o passar dos anos, esses modelos tradicionais foram sendo modificados para atender outros campos como, por exemplo, a mídia, eventos públicos, músicas regionais etc.

Ramos³³ afirma que originalmente o Marabaixo nasceu como um canto de lamento dos negros que vieram da África, usando a dança e o canto como forma de aliviar suas dores rotineiras. Atualmente não existem tantos compositores de ladrões e os que o fazem apresentam temáticas mais voltadas para a atualidade.

De acordo com os relatos e a observação, podemos inferir que o ladrão está de acordo com o que Beltrão³⁴ define como modos de expressão da folkcomunicação. O ladrão de Marabaixo é presente na comunidade como meio de informação, educação e expressão dos seus códigos.

Na tentativa de manter viva a memória dos integrantes que se destacam na preservação da festividade, foi criada uma associação. Durante a realização do Ciclo do Marabaixo, são expostos *banners* com imagens e informações sobre a história cultural. O próprio Julião Ramos é lembrado em um *banner*, segundo Ramos³⁵, da forma que ele gostava de participar das rodas, com um chapéu de palha e com roupas brancas.



Fotografia 4 – Pátio do Barracão em dia de festa (2019). Fonte: Daniel Alves

³² RAMOS, 2019.

³³ RAMOS, 2019.

³⁴ BELTRÃO, 2014, p. 267.

³⁵ RAMOS, 2019.

Além do destaque como precursores do Marabaixo, essas pessoas também ganham características sagradas dentro da família, sendo assim transferido para as cerimônias festivas. “Às vezes, quando estamos com algum problema, à [sic] gente até recorre a eles para pedir ajuda, principalmente na hora de interceder perante o Jesus”³⁶.

A base familiar sustenta a manifestação, por esse motivo as festas permanecem dentro das casas e as lembranças dos antepassados buscam perpetuar as histórias e lendas desses homens e mulheres. Segundo Silva³⁷, “o pilar nos barracões da festa do marabaixo é a família, são elas que sustentam a manifestação. Em Macapá são cinco barracões realizadores do Ciclo, são cinco famílias tradicionais que mantêm a devoção nos santos”.

São essas cinco famílias que carregam a tradição do que hoje é definido como cultura do Amapá, sendo a mais tradicional festa religiosa de Macapá. Mesmo vinculada à igreja católica, as festividades em homenagem aos santos sempre tiveram os negros como principais mantenedores e também por esse motivo sempre carregou o preconceito pela prática.

Baseado em Beltrão³⁸, é possível afirmar que os barracões são “os centros de informação”, por surgirem como locais onde acontecem as trocas comunicativas entre os integrantes e participantes da festividade. São os locais onde se fala e ensina sobre a festividade, um espaço para a construção do conhecimento tradicional ressignificado.

Nesse sentido, notamos também que esses grupos familiares aproveitam o momento de louvor aos santos para expressar sentimentos, opiniões e realidades vivenciadas por eles. Principalmente nos momentos lúdicos da festa, o povo negro toca, canta e dança os versos do seu cotidiano. Assim há uma ação contra-hegemônica no Ciclo do Marabaixo, expressada pela liberdade de expor suas demandas fora da ordem social vigente.



Fotografia 5 – Cortejo na casa dos devotos (2019). Fonte: Mariléia Maciel

³⁶ RAMOS, 2019.

³⁷ SILVA, 2019.

³⁸ BELTRÃO, 2014, p. 476.

Também durante os cortejos realizados dentro da programação nas casas dos devotos do bairro é possível perceber a união promovida pela devoção aos santos e ao Marabaixo. Deste modo, o bairro do Laguinho foi formado nas bases dessa cultura tradicional, construindo uma identidade étnica como bairro de negros. Videira³⁹ diz que a região carrega elementos de representação desse grupo, simbolizado principalmente nas suas expressões culturais.

Falar em Laguinho é falar, sobretudo, de Marabaixo e, por conseguinte, reverenciar a ancestralidade afro-amapaense que continua unindo ciclos geracionais para a salvaguarda desse patrimônio imaterial local. Pensar em Marabaixo é rememorar homens e mulheres negros que, dançando, transmitiram para a posteridade seu legado histórico-sociológico relevante, para o lugar de pertença étnica e política entre seus herdeiros no diálogo com a sociedade. Sentir o Marabaixo é colocar-se diante das pessoas com a certeza de ser de dentro, como raízes das comunidades afro-amapaenses, localizadas na área urbana e rural do Amapá.⁴⁰

O Marabaixo existe até hoje devido à herança pessoal e coletiva das pessoas envolvidas, carregando a promessa familiar aos santos e antepassados, algo considerado valioso para quem o pratica. Deste modo, alguns costumes católicos também sofreram modificações, dando à festividade um caráter mais simbólico e cada vez menos religioso.

Considerações finais

Para Beltrão⁴¹, a coesão social é um dos principais elementos da festa do Divino. A mobilização e a cooperação fortalecem laços, instituindo simbolicamente uma esfera permeada de informações e saberes tradicionais sobre a festividade. O que pontuamos é que, do ponto de vista comunicacional, esse processo de trocas simbólicas, envolvendo informação e conhecimento em torno da memória sobre os ritos, os procedimentos, as cenas e paisagens, sustenta a festividade.

O papel das lideranças dos barracões e desses espaços compõe, na relação líderes de opinião/centros de informação, uma estrutura central de uma esfera de troca de informações e conhecimentos, materializados nos elementos que compõem o ritual (mastros, cartazes como mídias alternativas), nos versos produzidos e cantados, tendo a figura dos ladrões como um agente de comunicação potente nesse processo de estruturação simbólico da festividade, gestado em outro processo potente de trocas comunicativas.

³⁹ VIDEIRA, 2014, p. 18.

⁴⁰ VIDEIRA, 2014, p. 17.

⁴¹ BELTRÃO, 1980, p. 83.

Referências

- ANTERO, Alysson Brabo. Religiosidades do Amapá: entre o catolicismo e as religiões afro-brasileiras. *Revista Terceira Margem Amazônia*, Belém, v. 2, n. 6, p. 87-98, 2017.
- BELTRÃO, Luiz. *Folkcomunicação: um estudo dos agentes e dos meios populares de informação de fatos e expressão de ideias*. Porto Alegre: Edipucrs. Versão eletrônica, 2014.
- _____. *Folkcomunicação: a comunicação dos marginalizados*. São Paulo: Cortez, 1980.
- CUSTÓDIO, Elivaldo; VIDEIRA, Piedade; BEZERRA, Jesus. As práticas religiosas afro-indígenas na Amazônia. *Revista Caminhos*, Goiânia, v. 17, n. 1, p. 80-95, jan./jul. 2019.
- MACHADO, Sândala Cristina. A festa do Divino, nos dois lados do Atlântico. *Revista Tempo Amazônico*, v. 1, n. 2, p. 34-49, jan./jun. 2014.
- PEREIRA, Nunes. *Shairé e Marabaixo*. Tradição da Amazônia. Recife: Fundaj; Massagana, 1951.
- RAMOS, Danniela. Entrevista concedida a Daniel Cordeiro Aves. Macapá, 01 ago. 2019.
- SILVA, Joaquim. Entrevista concedida a Daniel Cordeiro Alves. Macapá, 31 jul. 2019.
- VIDEIRA, Piedade Lino. O marabaixo do Amapá: encontro de saberes, histórias e memórias afro-amapaenses. *Revista Palmares: cultura afro-brasileira*, Brasília, ano X, n. 08, nov. 2014.